

2.

MAIO · 2017

*Ponte de Lima:
do passado ao presente,
rumo ao futuro!*



CARDEAL SARAIVA
1766 - 1845

FREI FRANCISCO DE S. LUÍS E O NOSSO TEMPO

THE CARDINAL SARAIVA AND HIS TIME

Pela carreira e pelo exercício sacro e profano, o cardeal Saraiva foi um dos mais ilustres príncipes do Patriarcado. Além de estudante dotadíssimo, marcou como matemático e financeiro, como patriota na resistência aos napoleônicos, como exegeta teólogo, cultor de línguas mortas e línguas vivas, na política, bateu-se pela liberdade, mas também pela igualdade, por um legislativo bicamarário, pela educação, pelos pobres. Presidente da Camara dos Deputados nas Constituições de 1822 e 1838 e sob a Carta Constitucional mostrou-se, sempre deputado influentíssimo e discreto da ala dos moderados.

For his career and for the sacred and profane exercise, Cardinal Saraiva was one of the most illustrious princes of the Patriarchate. In addition to being a highly gifted student, he was also a remarkable mathematician and financier, as a patriot in resistance to Napoleon, as a theologian, a devotee of dead languages and living languages, in politics, he has beaten for freedom, but also for equality, for a bicameral legislature, for education for the poor. President of the Chamber of Deputies in the Constitutions of 1822 and 1838 and under the Constitutional Charter, he was always an influence and discreet deputy of the moderate wing.

LIBERALISMO, HISTORIOGRAFIA,
UNIVERSIDADE DE COIMBRA,
CARTA CONSTITUCIONAL

LIBERALISM, HISTORIOGRAPHY,
UNIVERSITY OF COIMBRA,
CONSTITUTIONAL CHARTER

ANTÓNIO OLIVEIRA RAMOS

São raríssimos os portugueses que desempenharam tantas e tão importantes funções na monarquia portuguesa, sendo avultados os seus serviços e os escritos que deu á estampa muitos deles marcados por investigação e reflexão original.

No conjunto destacam – se os 10 volumes qua a Imprensa Nacional publicou anos passados sobre a sua morte entre 1872 e 1883. Eu próprio preparei inéditos extensos e nunca divulgados de historiografia monástica que constam da revista BRACARA AUGUSTA.

Averigui em arquivos particulares e públicos o teor da sua actividade nos claustros, na Universidade e no serviço público.

Monge de S. Bento, estudante e professor universitário em Coimbra, membro da resistência contra os exércitos napoleónicos, sócio laureado da Real Academia das Ciências, titular dos quadros relevantes da sua congregação religiosa, salvo o General, viveu entre Tibães, Coimbra e Lisboa a vida monástica até aos 54 anos, altura em que entrou na política depois da Revolução de 24 de Agosto de 1824, em cuja direcção começou por representar a Universidade, dada a sua fama intelectual e cultural.

Liberal esclarecido, participou, no primeiro liberalismo, como Executivo, Regente do Reino e membro da Câmara dos Deputados onde veio a ser Presidente numa data em que era já renomado rei-

tor da Universidade de Coimbra e bispo conde dessa cidade.

Exilado entre 1823 e 1826, foi forçado a deixar a reitoria e o bispado, regressou à vida política no novo reinado. Na vigência da carta Constitucional destaca – se como Presidente da Câmara dos Deputados. Com a vitória de D. Miguel em 1828 torna-se prisioneiro dos ultras miguelistas, no convento da serra de Ossa. Deveras maltratado, em má instalação, impedido de realizar inclusive atos religiosos usuais, aproveita o tempo para, graças aos livros aí disponíveis iniciar vastos estudos de investigação histórica e textos de reflexão filosófica, depurados aqueles pelo seu apurado sentido critico. Aliás, já quando exilado entre 1823-1825 no mosteiro da Batalha, escrevera uma memória histórica sobre esse monumento. Com a instalação da legalidade liberal, uma vez solto da prisão pelas tropas do Duque da Terceira, ascende o guarda-mor da Torre do Tombo, deputado, ministro do reino. A breve trecho, deixa a política e dedica-se, como em todos os tempos, aos cuidados literários da filologia e história. Com a Constituição de 1838 é de novo deputado e presidente da respectiva câmara mas quer abandonar a vida pública. Finalmente, a Rainha elege-o Patriarca e mais tarde o Papa fá-lo Cardeal, função episcopal em que apesar do curso dos 70 e mais anos desenvolve notável acção, como era seu timbre. Por isso, não é difícil adivinhar, configura o personagem eclesiás-

“

*Liberal esclarecido, participou,
no primeiro liberalismo,
como Executivo, Regente do
Reino e membro da Câmara
dos Deputados onde veio a
ser Presidente numa data em
que era já renomado reitor da
Universidade de Coimbra e
bispo conde dessa cidade.*

”

tico mais ilustre do liberalismo nascente e um dos maiores portugueses de sempre.

Passados tantos anos sobre o seu nascimento e morte que interesse pode ter a análise da sua conduta ou escritos?

Comecemos pelo mais simples e significativo dos aspetos. Na década de 70 do século passado, em conversa com o cardeal emérito Doutor Manuel Gonçalves Cerejeira, afirmei que antes dele, e até essa data Cardeal Saraiva constituía a figura histórica mais saliente do cardinalato de Lisboa.

O Cardeal Cerejeira concordou comigo no que a Saraiva dizia respeito.

Olhando a existência de Frei Francisco de S. Luís Saraiva, verificamos, sem a hipótese de ser exaustivo, o seguinte quanto aos estudos secundários: revelou-se um brilhante e preparado estudante de ciências, de tal sorte que, ainda estudante da Faculdade de Teologia, na Universidade, foi escolhido para professor de teologia e a seguir de matemática (1792), no colégio de S. Bento de Coimbra, seguindo, nas matemáticas, o manual do abade de La Caille, o melhor na opinião dos seguidores “Luzes da Razão”, preconizadas nos novos Estatutos da Universidade. Aquela cadeira matemática incluía, além da ética, a física, domínio considerado vital para bem compreender os assuntos sagrados.

Na Faculdade de Teologia, depois de ler as suas dissertações de fim do curso (1791) e de concurso (1807), para eventual lente da mesma esco-

la, conclui-se, o que de resto constava, que procedera a investigações inovadoras, graças ao conhecimento direto de várias línguas mortas, e não apenas do latim e do grego, mas também das línguas vivas prezadas pelos estudiosos, arrumando de modo sintético as suas reflexões. No último concurso foi o primeiro entre 2 aprovados por unanimidade. Enfim, processos de trabalho ainda hoje respeitados e que remontam à chamada teologia positiva, inscrita nos Estatutos de Pombal. Por outro lado, como monge, amiúde mostrou-se destro no exercício de funções económicas, financeira e estatísticas, hoje questões essenciais.

Em anos seguintes, enquanto aguarda a promoção universitária, trabalha na sua Congregação em diversos postos e particularmente como cronista – mor, recolhendo informações em livros e em documentos por todo o lado recolhidos com atenção especializando-se em Paleografia. Queria também redigir uma história geral das invasões francesas. Não sem grandes dificuldades, juntou em pastas, ano a ano, o que precisara e ensaiou alguns textos para a futura obra, um dos quais identifiquei, recentemente, nas páginas de abertura do Diétario do Mosteiro de Pombeiro, onde julgo que foram aproveitados os dados recolhidos por Frei Francisco de S. Luís Saraiva, sobre Portugal, a Europa e o Mundo, Diétario que, entretanto, foi editado no Porto, com prefácio meu (2011).

Daqui se infere que Saraiva en-



(...) ainda estudante da Faculdade de Teologia, na Universidade, foi escolhido para professor de teologia e a seguir de matemática (1792), no colégio de S. Bento de Coimbra, seguindo, nas matemáticas, o manual do abade de La Caille, o melhor na opinião dos seguidores “Luzes da Razão”, preconizadas nos novos Estatutos da Universidade.



quadra os problemas de Portugal nas paralelas da conjuntura à escala da Europa e de outros continentes como convêm na História e na vida.

Não me vou debruçar do sobre o pensamento do Patriarca, assunto que estudei na minha tese de doutoramento e em comunicação atualizada à Academia das Ciências de Lisboa, quando fui eleito seu sócio. Apenas relembro a sua devoção pela virtude, isto é, pela Fé, pela Esperança e pela Caridade, assumida como amor a Deus e ao próximo.

Assim, opto por insistir na capacidade negocial de que Saraiva deu provas, desde o seu papel apaziguador nos motins de Viana do Castelo, durante a resistência contra o opressor francês, bem como nas sucessivas ocasiões em que ocupou a presidência da Câmara dos Deputados sob a Constituição de 1822, sob a Carta Constitucional e no alvor da Constituição de 1833. De resto, o mesmo aconteceu como deputado em Câmaras com variadas composições e em cenáculos privados dos círculos influentes. No fim de contas, trata-se de labuta política empenhada, às vezes, decisiva. Ontem como agora.

Antes do regresso de D. João VI do Brasil, escreveu a pedido dos seus colegas na Regência, as bases de uma Constituição, a que, pelo seu punho, começou por chamar Carta Constitucional. Nela defende, como direito dos cidadãos, a liberdade, a propriedade, a segurança e a igualdade no novo regi-

me, e explica a razão de o fazer. Ora, a igualdade, como direito primacial só encontrou lugar nos textos constitucionais portugueses, depois do 25 de abril, por obra da Constituinte, no texto atual que remonta a 1976.

Em boa verdade, a Constituição que ele assumiu pela vida fora foi a Carta Constitucional, doada por D. Pedro IV, cujo teor dividia o legislativo em duas Câmaras, a Câmara dos Pares e a Câmara dos Deputados, encimados pelo poder moderador do Rei, a independência do poder judicial, a igualdade, ou não fosse a monarquia portuguesa um regime liberal em que os poderes se vigiavam entre si, como queriam os teóricos do liberalismo inicial.

Saraiva viveu entre o Pombalismo, à luz do qual foi educado e o regime liberal nascente no seio do qual respeitou a monarquia brigantina legítima e um sistema de liberdade temperada em virtude do qual esteve preso na Batalha e na serra de Ossa, como já dissemos.

Enquanto historiador, procurou estabelecer dados fidedignos para a elaboração de necessária História de Portugal, sujeitando fabulas e ideias inexatas, cotejando fontes várias com vivo sentido crítico e uma clara sugestão ou mesmo a exposição de pontos de vistas pela sua mente concebidos de maneira sintética e fundamentada.

À luz destas perspetivas, defendeu os bons historiadores do passado, estabeleceu o quadro dos cronistas ou pseudo – historiógrafos pouco credíveis, e fabuladores ou



Enquanto historiador, procurou estabelecer dados fidedignos para a elaboração de necessária História de Portugal, sujeitando fabulas e ideias inexatas, cotejando fontes várias com vivo sentido crítico e uma clara sugestão ou mesmo a exposição de pontos de vistas pela sua mente concebidos de maneira sintética e fundamentada.



simplesmente seguidores de autores fantasistas.

Sem exagero, por vezes, a imaginação racionalizada trai ideias caras a Frei Francisco de S. Luís. Caso notório, corrente também entre altas mentes dessa época, é a sua inaceitável convicção de que a língua portuguesa é de origem céltica e não latina. Inventivo, mas não exato, o vemos ao escrever sobre etimologia de certas palavras, conforme explica Paiva Boléo.

Antes de terminar, recorde-se, pela positiva, a relevância das opiniões de D. Frei Francisco sobre a educação, fundamental na sua perspectiva e sobre o combate à pobreza. A educação é encomiada no seu sermão mais importante quando jovem monge e sempre que o assunto vem à baila, por exemplo, no parlamento e como prelado.

Opiniões epocais sobre a pobreza, defendeu-as como deputado.

Podíamos voltar a outras temáticas de atualidade nas proposições de Saraiva, explicar as que são próprias do seu tempo, faceta dominante da sua carreira, agora indispensáveis para compreender a época em que foi corifeu. Sem o saber a nossa visão tolda-se, torna-se anacrónica.

Como outrora, as virtudes norteiam os valores e a liberdade que a filosofia liberal difundiu, governam a genuína democracia de agora e os direitos fundamentais da pessoa humana no nosso tempo.